

Muito obrigada a todos por estarem presentes por terem encontrado espaço nas suas agendas para estarem hoje comigo.

Muito obrigada à Reitoria pela organização desta sessão de entrega do diploma de Professora Emérita da ULisboa, distinção que encaro como uma homenagem às atividades desenvolvidas pela área científica de Ciências Biológicas (CB), no Departamento de Bioengenharia (DBE) e no iBB (Instituto de Bioengenharia e Biociências) e nos Departamentos e Unidades de Investigação que o antecederam, durante mais de 4 décadas, numa escola cuja atividade principal é a engenharia,.

O Técnico e a ULisboa têm um número muito significativo de Profs brilhantes que têm dado contribuições excecionais para a liderança académica e científica nas várias vertentes da atividade dos seus vários Deptos e áreas científicas, e com os quais tenho tido o prazer e o privilégio de trabalhar e poder admirar. Por isso, esta distinção muito me honra, não podendo ignorar ter sido atribuída a uma mulher, e a uma mulher cujo percurso académico se desenvolveu sem qualquer expectativa nem preocupação com honras, num período em que o equilíbrio de género não constituía, aliás, preocupação. Mesmo hoje, as mulheres cuja atividade é reconhecida e chegam a posições de liderança académica de maior relevo é muito limitado e, por isso, poucos são os modelos para a nova geração. Sendo a carreira académica iminentemente e expectavelmente meritocrática, a aplicação cega de um sistema de quotas dificilmente é aceitável. Contudo, o número de mulheres que alcançam posições de topo ou de decisão na carreira académica, aquelas a quem foi dada alguma atenção, não é certamente proporcional ao nº de mulheres qualificadas para tal e este é um dos problemas que se tem mostrado resistente às tentativas de resolução mantendo-se, ano após ano, na agenda dos assuntos que necessitam de ser resolvidos. Esta situação é particularmente sentida nas escolas de Ciências, Engenharia, Tecnologia e Matemática, como o IST. Também por isso não posso deixar de me considerar uma felizarda.

Na organização interna do IST pertenço à área de CB do DBE e continuo a realizar investigação ativa integrada no grupo de CB que fundei no IST e coordenei até à minha

jubilção. Nessa história de quase meio século, recordo o fundador da Engenharia Bioquímica no IST e no País. Era eu estudante do último ano da licenciatura em Engenharia Química, quando optei pela nova disciplina “Engenharia Bioquímica” introduzida e lecionada por um engenheiro químico do Técnico que acabava de concluir o seu doutoramento na Universidade de Birmingham. Na altura, esta área dava os primeiros passos na Europa em Departamentos de Engenharia Química, tal como veio a acontecer no Técnico. Pela primeira vez, fui exposta a um compacto de bioquímica, microbiologia e biologia celular e molecular bem como às sedutoras aplicações desta área interdisciplinar emergente. Fiquei fascinado e pronta para abraçar o campo. Tornei-me a primeira assistente do Prof. Júlio Maggiolly Novais e iniciei um processo de aprendizagem na área de Ciências Biológicas, aproveitando o programa de cursos internacionais intensivos em Biologia oferecido pelos Estudos Avançados de Oeiras. Estes constituíam à época um pioneiro programa informal e avançado de doutoramento em ciências da vida para várias gerações de cientistas de todo o mundo, principalmente para os de Portugal e Espanha. Há, pois, que lembrar também o seu Diretor, Prof Nicolau van Uden que também orientou o meu doutoramento em Biologia de Leveduras, abrindo assim um novo caminho para mim e para o desenvolvimento da área de Ciências Biológicas no Técnico. Por altura da defesa do meu Doutoramento que foi em Eng^a Química pelo IST, pq não havia outra área mais condizente, perante um júri de 6 professores, todos homens (toda esta situação era bem diferente da dos dias de hoje), o então Reitor da UTL, Prof Simões Lopes, que eu nunca tinha visto e que certamente não teve noção de como umas palavras de circunstância, ao dar-me os parabéns pela tese e sua aprovação, poderiam alterar os meus planos futuros. Disse ele qualquer coisa como isto: a universidade apostou em si, deu-lhes a oportunidade de formação avançada numa área que necessita de ser desenvolvida. Agora, a universidade está a contar consigo. Na verdade eu nem tinha usufruído de equiparação a bolseiro pois ou dava as minhas aulas ou teria que as dar o Prof Novais...., pelo que pouco haveria a reconhecer. Contudo as palavras tocaram-me. Meteram-se as férias grandes para refletir e em setembro entreguei as chaves do Lab de Microbiologia do Instituto Gulbenkian de Ciência, um oásis para a investigação em microbiologia, e fui para o sem nada do laboratório

de Engenharia Bioquímica (LEB), no Técnico. A decisão que não demonstrava nem grande caso pretendesse fazer uma carreira científica, nem uma compreensão das exigências de equipamento sofisticado e massa crítica exigido por atividade competitiva na área que me propunha desenvolver no Técnico! Mas foi decisão consciente e assumidos os riscos e o esforço inerentes.

Trabalhei, eu e a equipa que fui conseguindo agregar, aproveitando e esperançados com as políticas de Mariano Gago, e, em conjunto com o resto da comunidade nacional foi feito um esforço ciclópico para ultrapassar o atraso de gerações, contribuindo para que o sistema se organizasse, crescesse, se internacionalizasse, aumentasse em ambição e exigência. Habitamo-nos a lutar por financiamento competitivo no País e fora e submetemo-nos sem complexos à avaliação externa da nossa atividade científica e à nossa oferta de cursos com uma componente biológica mais ou menos forte, nos 3 ciclos de estudo do IST. Passamos por vários ambientes universitários e científicos, por diversas políticas dedicadas ao Ensino Superior e à Ciência e por diferentes perfis e comportamentos sociais de várias gerações de alunos e colaboradores. E sobrevivemos, e fomos crescendo, sob o stress diário bem conhecido de todos os que se encontram no sistema e o desvio permanente de atenção para ultrapassar os múltiplos obstáculos fora do nosso controlo e pouco compatíveis com desempenhos de elevado nível. Apesar disso a investigação do grupo que hoje inclui no ativo no DBE; 2 Profs Catedráticos, 4 Profs Associados, 2 deles com agregação, 3 Profs Auxiliares, e vários Profs Auxiliares convidados, apresenta métricas muito robustas e trabalho de investigação sólido e reconhecido nacional e internacionalmente. Embora não tendo atividade no que é considerado o “core business” do Técnico, contribui, há décadas, em conjunto com outras áreas científicas do DBE, para formar com qualidade várias gerações de Eng^{os} do IST em cursos com componente biológica, de modo que estes não encarem a célula e o ser vivo como uma caixa negra mas na perspetiva biológica, holística pós-genómica, na interface entre as Ciências Biológicas e as Ciências da Engenharia. Para além da lecionação nos cursos em Eng^a Biológica, Eng^a do Ambiente e Eng^a Biomédica, e, durante muitos anos na Eng^a Química e, mais recentemente, para parte dos alunos da Eng^a

Física Tecnológica, a nossa atividade tem atraído ao IST Licenciados com elevadas classificações vindos de áreas de CB de outras universidades para os mestrados em Biotecnologia e em Microbiologia e o Doutoramento em Biotecnologia e Biociências. Concretamente, o Mestrado e Microbiologia tem tantos anos quantos os que decorreram desde a fusão que originou a ULisboa e, embora Coordenado pelo Técnico, é uma parceria de 4 escolas da ULisboa, 2 da antiga UTL (o Técnico e a Fac de Medicina Veterinária) e 2 da antiga UL (A Fac Ciências e a Fac Medicina). Um bom exemplo da atividade de ensino de excelência inter-escolas possível na ULisboa.

As CB são uma das áreas de Ciências básicas do IST e a investigação na área é, pela sua natureza, investigação fundamental, embora possa ter impacto nas áreas de Bioeconomia e Saúde. Sempre aderimos a essa lógica pese embora a maior dificuldade em obter visibilidade e financiamento. E, se acreditamos que é essencial uma estratégia em que a importante competência científica e tecnológica instalada nas Universidades e nas Instituições de I&D é chamada a contribuir para o desenvolvimento e competitividade da Economia Nacional, e se a promoção de atividades de investigação de interesse público não possa ser questionada, também consideramos que a investigação de qualidade em Ciência fundamental é o alicerce e a alavanca do desenvolvimento tecnológico, que permite realizar a formação avançada de investigadores bem preparados para ingressar na indústria ou no mercado de trabalho no geral. É um investimento estratégico já que é a melhor forma de capacitar um País e de desenvolver uma sólida cultura de investigação aplicada, podendo conduzir, de forma inesperada, a descobertas revolucionárias.

Dedico esta distinção à minha família que tenho tido sempre comigo e a todos aqueles que, com dedicação, competência e de forma continuada, comigo desenvolveram as Ciências Biológicas@IST. Desejo que a geração que se segue à minha e as próximas gerações conduzam o barco das CB no IST para a Excelência, quer o mar esteja ou não de feição.

Muito obrigada a todos. E que viva o Técnico e a ULisboa.